



OBEDIENCIA SIM, SACRIFÍCIOS NÃO: UMA RELEITURA CRÍTICA AS ESTRUTURAS DE PODER EM 1 SAMUEL 14,47-15,1-28

OBEDIENCE YES, SACRIFICES NO: A CRITICAL REINTERPRETATION OF POWER STRUCTURES IN 1 SAMUEL 14:47–15:1–28

Elvira Moisés da Silva Cazombo¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7213-4098>

Resumo

O texto procura analisar práticas de corrupção presente na perícopa de 1 Samuel 14,47-15,1-28. O texto foi delimitado para responder os interesses de explorar os conflitos sociais e relações de poder existente nele. O movimento do texto direciona o debate a uma análise a partir do eixo histórico-narrativo do texto onde se observa a polaridade na construção da narrativa entre a riqueza versus pobreza, obediência versus desobediência no exercício do reinado de Saul. Nele a formulação proverbial presente no versículo v.22b *“obedeçer melhor do que sacrificar e a tender melhor do que gordura de carneiros”* constitui a chave de leitura para se compreender a memória do povo quando um reinado se desvincula dos propósitos de Deus. A crítica em volta dos holocaustos e nos sacrifícios não se restringe apenas a formulação proverbial em 1 Samuel, mas a profecia correlatada em Oséias e em Jesus, registrado no evangelho de Mateus. Para a sabedoria todo poder totalitário é destruído para dar lugar a esperança por um novo rebento.

Palavras-chave: obediência sim, sacrifícios não; releitura crítica; estruturas de poder.

Abstract

This study seeks to analyse practices of corruption present in the pericope of 1 Samuel 14:47–15:1–28. The text has been delimited in order to address the interests of exploring the social conflicts and power relations embedded within it. The narrative movement directs the debate towards an analysis from the historical-narrative axis, where one observes the polarity constructed between wealth versus poverty, obedience versus disobedience, within the exercise of Saul’s kingship. The proverbial formulation in verse 22b, *“to obey is better than sacrifice, and to heed than the fat of rams”*, constitutes the hermeneutical key for understanding the collective memory when a reign becomes

¹ E-mail: elvira4moises@gmail.com. Doutorada em Ciências da Religião, com ênfase em Cultura e Literatura do Oriente Médio, pela universidade de Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, 2002. Doutora em Ciências da Educação com ênfase em Prática Pedagógica e Interação Social, pela Universidade Metodista de Pericicaba (UNIMEP), Piracicaba, 2009. Pró-reitora de Extensão e professora do PPG de Estudos de Religião e Teologia da Universidade Metodista de Angola, Luanda.

detached from the purposes of God. The critique surrounding burnt offerings and sacrifices is not confined to the proverbial expression in 1 Samuel, but extends to the correlated prophecy in Hosea and in Jesus, as recorded in the Gospel of Matthew. For wisdom, all forms of totalitarian power are ultimately dismantled, giving way to hope through the emergence of a new shoot.

Keywords: obedience yes, sacrifices no; critical rereading; structures of power.

O melhor guia de cego, a luz mais segura para os que estão em trevas, o mestre mais perfeito do insensato é a fé...] que seja poderosa em para derribar fortalezas, para derruir todos os preconceitos da razão corrompida, todos os costumes e hábitos ruins, toda a sabedoria do mundo, que é loucura para Deus, como arroubos de imaginação, cimento de Deus e reduz a cativo todo pensamento para a obediência de Cristo” (João Wesley, Sermão n.17)

Introdução

Assim diz o provérbio: “o justo atento para a vida de seus animais, mas o coração dos perversos é cruel” (Pr 12.10). A corrupção é analisada a partir de leituras críticas que são as concepções formuladas para perceber as coisas em sua profundidade a partir do sentido e da realidade. A realidade mundana ou secular que omite Deus-criador e busca o sentido dos vis apetites dos sentidos aparentes. A escolha do livro de I Samuel serve de porta para a audição do grito do pobre pela justiça na sabedoria dos livros proféticos. Na literatura hebraica o livro de Samuel pertence a coleção chamada *Profetas anteriores* (CEBI, 1993, p. 54). Nestes escritos focalizam-se na personagem de Saul, primeiro rei dentro da nação israelita. A escolha da perícopa não confina a abordagem para a exegese de 1 Samuel, porém se limita a discorrer os fatos constitutivos de uma administração que tem Deus como o autor da escolha versos a sua decadência e como a sabedoria dá o seu resultado. “Afim, a Bíblia é literatura” (cf. Alter & Kermode, 1997, 11-19; Hermisson, 1968). E, em especial, sabedoria existe sob forma literária (Schwantes, 2008)². Sobre este olhar, se volta a proposta de trabalhar a sabedoria popular na literatura de Samuel.

O termo corrupção (decomposição) sugere sentimentos que ferem a ordem e a legitimidade junto dos princípios de identidade. O còsmos gera a harmonia nas diferentes posições para fazer a combinação das leis naturais. A humanidade retirada do caos e gerada em Deus deixa evidente que a sua matéria prima é o caos. Portanto, insuflado pelo Espírito Santo para uma combinação perfeita em nosso ser. A legitimidade é o direito para

² *Sabedoria: Textos periféricos*, palestra na cerimônia acadêmica de abertura do I semestre de 2008, no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, em 12 de março.

proteger a humanidade e cosmo. O princípio de identidade conhecido também como princípio da não contradição.

1. Contextualização do livro de Samuel

O livro de I Samuel está inserido nos escritos literários chamados Livros Históricos. Por estes textos se tem a visão geral do percurso histórico de Israel enquanto pequenos grupos isolados até a sua emancipação como nação.

A historiografia do livro de 1 Samuel remete para o período na transição do sistema tribal de Israel à monarquia, especificamente o período dos Juízes. Estes serviam de liderança as comunidades permitindo que a vida fluísse nos parâmetros da solidariedade, partilha de bens da terra, alimentar o necessitado (a), assim como o cuidado da terra. Poucos registros de acúmulo de capitais. A agricultura sendo um bem de subsistência, longe de tendências acumulativas, registam-se desse modo, a ausência constante de guerras e espoliações de uns sobre os outros. Também se caracteriza esse período da era das descobertas dos metais. E os mesmos recriam os modos de produção para maior produtividade e consequentemente maior estabilidade social. A produção de armas de fogo é forjada principalmente para garantir a segurança das tribos.

A recriação dos modos de produção, aumenta a produtividade, a colheita e a necessidade de estocar para exportar. A consequência dessa cadeia relacional resulta, como exigência, os cuidados para que os produtos cheguem aos destinatários sem que haja danos. Este movimento comercial originou o poder central. Nesse caso a existência de um líder, rei, que administre toda atividade de produção. Como de conhecimento todo reinado exige consigo uma máquina administrativa para o seu perfeito funcionamento que passa necessariamente pela imposição dos impostos. Daí a justificativa das bases para a monarquia. Para o israelita tribal o reinado não se concebe fora do grupo de pertença. Necessitando um rei urgiu como opção o jovem Saul. Ressalta-se aqui as advertências do profeta Samuel quando consultado sobre a necessidade na eleição de um rei, mostrou sua indignação na validação da proposta. Isso porque as lembranças de Samuel sobre os reinados não eram satisfatórias. Aliás Samuel procura lembrar-lhes as experiências dolorosas do período em que o povo esteve no Egito, sobre as duras práticas das administrações dos reis. Porém segundo as narrativas bíblicas as necessidades e obrigações apontavam para a existência dele.

Uma vez Saul ungido e assumindo o poder de rei implementa justamente as políticas típicas de um reinado: impôr taxas de tributação a todos os produtos agrícolas, aos do pastoreio, do grão, dos cereais. Como efeito dominó, as tendências de guerras e conquistas se tornam recorrentes. A crítica sobre o reinado de Saul não consiste apenas nas taxas de impostos que este implementa, mas especificamente na criação de sistemas de classes, como resultado do empobrecimento das comunidades agrícolas. As classes mais favorecidas, tais como o rei, o templo, militares, ferreiros, mineradoras e outros latifúndios ascendiam cada vez mais em detrimento dos pequenos agricultores e proprietários de terras. Vale ressaltar que muitos destes pequenos proprietários perdiam

suas terras a ponto de refugiarem-se para as montanhas. Aqui está o eixo pelo qual Samuel alertava a comunidade a não aderirem ao sistema de reinado pois não diferiria da do Egito. O segundo aspecto remete para o carácter pessoal de Saul. Filho criado dentro das tradições tribais, com princípios no temor à Javé que os libertou do Egito, passando por dificuldades até o monte Sinai. Suas bases educativas alicerçadas nos princípios da solidariedade e partilha, hospitalidade e honestidade. Todavia na ascensão ao poder se mudam as perspectivas das práticas administrativas, se desenha a proposta de construção das bases imperialistas permitindo que Saul e Deus entrassem em rota de colisão porque Saul pretendia mais as gorduras de camelos do que a observância ao conhecimento e no temor a Deus.

2. Gorduras de camelos: pecado de magia e rebelião

Saul é filho de Cis da tribo de Benjamim³. Cis seu pai possuidor de gado numeroso e de servos (9,1-2). Homem poderoso em meio a um povo humilde. Seu filho Saul destacado dentre outros jovens, com uma aparência física de grande notoriedade no meio de outros, a quem era confiado os cuidados administrativos do gado.

Do contexto paradoxal entre a riqueza e a pobreza Deus faz emergir suas escolhas para o empoderamento de Saul, sustentado por dois olhares: o proposito para ação libertadora do povo da administração de alguns juizes, que dentre eles a debilidade administrativa como em Gebéa onde os juizes maus aceitavam os subornos e condenavam os inocentes (Pr.17.23). Por outro, juizes como Sansão e Gedeão não estavam isentos de acções corruptas embora sendo usados por Deus para missão. Pois, é visível a insatisfação com as sucessivas invasões dos comerciantes filisteus e amalaquitas. As tribos sendo saqueadas suas propriedades, mulheres e filhas e filhos com frequência. A necessidade de proteger as fronteiras políticas e económicas passu a ser prioridade. Por tanto o chamado de Saul para missão se dá no caminho pela necessidade de reencontrar o gado desgarrado do aprisco de seu pai. Homem rico que vive no meio de um povo pobre e do grito do povo que não tem o que comer. Saul recebe ordens para combater contra os Amalequitas, inimigos algozes dos israelitas, sobre ordens de destruir tudo incluindo crianças e os seus respectivos gados (15:2), para resguardar “o direito dos pobres” (Schwantes, 1974, p. 9).

Porém ressalta-se no texto que as raízes do conflito de Saul com Javé estão escondidas no pano de fundo que constrói a narrativa a partir do capítulo 9. Partindo deste capítulo Saul e seu servo precisam encontrar o gado disperso de seu pai. Tendo procurado por todas as províncias (territórios tribos), por intermédio do servo lhes resta apenas procurar o vidente que ajudaria a orientar onde encontrar o gado. Neste caso é Samuel. É interessante ressaltar que o servo conhecia Samuel não como profeta, mas como vidente facto que possibilita reconhecer no servo possuir alguma tradição religiosa mais

³ Benjamin na configuração política das demais tribos, era considerado humilde e desfavorecida (1Sm 9,21).

frequente que Saul. Uma vez que a missão desta abordagem é restrita permitam deixar este aspecto em aberto para outras pesquisas.

Porém, o reencontro com Samuel embora sendo homem de Deus, o contacto com ele passa antes pela mediação financeira. O filho do homem rico não tem se quer o pão (9:7) para dar como gratidão ou pagamento dos serviços que desejam. Saul está financeiramente desapropriado. Porém o seu servo apesar das limitações econômicas possuía algumas moedas (9:8). Aqui sem dúvida a sabedoria dá o seu respaldo no encontro da riqueza e da pobreza descrevendo o conflito da naturalização da pobreza e da riqueza na literatura sapiencial. Até aqui o texto bíblico apoia os seus personagens principais numa encruzilhada de polarização. O moço rico sem recursos e o moço pobre (servo) com recursos. Porém Javé necessita de jovem rico para a missão. Saul não sabe para onde estão se dirigindo e o servo, sem o nome registrado, sabe que estão indo a um vidente que tem a solução para o conflito que precisam dar a solução. No reencontro com Samuel, Saul é surpreendido com iguarias e mordomias para o reinado.

A visão tradicional e conservadora que temos sobre a Bíblia nos confina a pensar que todos os personagens bíblicos reservam em si a especificidade da santidade, ou seja, a inerrância sob pressuposto de que, se o Senhor o elegeu para essa ou aquela missão passa antes pela sondagem intrínseca de Deus sobre este. Concomitantemente esse poder secular ou religioso vem de Deus. Se a unção vem de Deus, então cabe aos súditos respeitarem ou obedecerem. Nada a questionar, nada de errado pode existir. Porém a leitura de I Samuel abre perspectiva da negação e aponta para o surpreendente. Saul não obedece a Samuel, o homem que Javé ungiu, e nem a voz de Deus, conforme a sentença proverbial⁴ (v. 22). E disse Samuel:

acaso complacência para Javé em holocausto e sacrifício como escutar a voz de Javé?

Es que

Obedecer mais que sacrifício bom
atender mais que gordura de camelos:

v. 23 pois

pecado de magia
rebeldia e delito
terafim ser obstinado

e

ja que (tu)

rejeitaste a palavra de Javé

e (te)

rejeitado por rei. (Sm 15,22-23

Na construção proverbial está a luz para a queda de Saul. A descrição do caráter de Saul.

Embora a narrativa o descreve como moço formoso dentre outros da sua tribo, a beleza externa não corresponde com a interna. Na primeira frase está a constatação daquilo que constituiria o alicerce do seu caráter, desobediência. Homem preso as

⁴ 29 Provérbios são mais elementares, com uma só frase, e sentenças são mais elaboradas, com duas ou mais frases; sentença é formulação posterior, geralmente oriunda de meio acadêmico ou erudito, para uso pedagógico e moral, e que se baseia num provérbio, essa sua formulação original, ligado à sabedoria popular. Daí que, na busca do sentido do texto de sabedoria, deve-se procurar sempre a formulação mais elementar, o provérbio por trás da sentença. Segundo Schwantes, a sabedoria antecipa a profecia. Isso deixa tranquilo observar que na profecia de I Samuel tem-se presente a voz do povo

práticas de holocaustos e a sacrifícios. O olhar sapiencial denuncia a interioridade de Saul. Para a sabedoria⁵ escutar a voz de Javé ainda é mais precioso que oferecer sacrifícios e holocaustos. Desta feita pode se observar que com esta advertência o povo se baseia nos momentos anteriores em que Javé se irou com a desobediência. O objetivo pelo qual Saul foi ungido consistia na orientação de manter a ordem política, econômica e ideológica nas comunidades israelitas, impedindo a chegada dos invasores (1Sm 14, 47-48). Durante a incursão de guerra ele se apresentou vencedor dos seus inimigos em redor dos povos (Moabe, os filhos de Amom e Edom) bem como sua vitória contra os reis de Zoba e os filisteus inspirando confiança ao seu povo, que Deus estava ao seu lado e ele de igual modo fiel a Deus. Porém no capítulo 15 a narrativa inverte o cenário de tudo que lhe parecia correr bem, para dar vazio a contradição entre o rei (Saul) e o homem de Deus (Samuel). A contradição entre os dois personagens se sustenta na desobediência do rei diante da missão de derrotar os amalequitas (15.3) de um lado, e do outro, tendo poupado em vida todo gado gordo para si (15.9). Por que Saul lhe sobreviveu tal ambição: a memória do gado do pai disperso? A caso Saul está mais focalizado em satisfazer a preocupação de seu pai que a preocupação de Javé para com a segurança tribal de Israel? Sejam quais forem as respostas, a Javé não lhe interessa o gado gordo.

Outro aspecto que conflitou o reinado de Saul para além da desobediência está no facto de erigir um altar para sua própria glória como expressão máxima do confronto nas relações de poder com o divino. Esta atitude presume ser memória dos cultos pagãos que se baseavam na magia, rebeldia e delitos numa visão politeísta. Ao proceder Saul desvela práticas culturais de influências estrangeiras que abominavam a Javé. Por isso a estrutura proverbial mostra a probabilidade de uma rima que o povo conhecia bem, fazendo parte do folclore nas assembleias ou festividades para julgar numa linguagem pedagógica. A comunidade quer resguardar a coesão social denunciando claramente o projeto da destruição de unidade tribal.

Em suma para Javé o pecado de Saul está no sacrifício e nas gorduras dos camelos.

3. Holocaustos e sacrifícios⁶ não, obediência sim: a sabedoria profética denuncia a corrupção.

Onde está o pecado? A sentença diz: “[...] rejeitaste a palavra de Javé e te rejeitado por rei”. (v. 23b). A força judicial desta sentença repousa na rejeição do *debar-YHWH*, palavra de Javé. Desde o relato de Genesis raiz dbr representa a força sem igual. A Palavra foi usada para fazer a divisão da ordem cósmica: tudo era sem forma e vazia, o ordenamento

⁵ Schwantes a sabedoria é algo que nasce no campo e partir das experiências e da convivência do povo. Apontamentos em sala de aula no Programa de Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, em 1997.

⁶ O termo sacrifício *zebah* remete para uma polarização de sentidos que dependem da intensidade e dos objetivos que se queira atingir, do simples ato de imolar como vítima ou renunciar voluntariamente em benefício do outrem, para atos sagrados de oferta à divindade em expiação da culpa.

das espécies dos seres vivos (Gn 1,1-3) ou seja todas as coisas foram feitas por meio dele.... (Jo 1,1ss). A palavra é a força vital do próprio Deus. O pronunciamento, bem como a execução, de toda profecia passa pela palavra de Javé: “assim disse o Senhor” é obra reveladora de Deus. Através da palavra Ele cria, anuncia, revela, julga, condena e salva.

Para o Cronista, o Senhor levantou Ciro “para que se cumprisse a palavra do Senhor proferido pela boca de Jeremias. Por meio de Isaías o Senhor diz que a sua palavra será como a chuva e a neve que tornam a terra produtiva “não voltará para mim vazia, mas, fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei (Is 55,11). Jeremias também promete que o Espírito e a palavra do Senhor jamais se afastarão do seu povo e declara que essa palavra é como “fogo” [...] e martelo que esmiúça a penha (Jr 23,29). Saul ao rejeitar a Palavra de Javé, rejeita o poder que há na profecia a de semear e colher, procurar e achar. A rejeição por ela resultou na sentença final de condicionamento da posição de rei, deixando evidências que Deus não se compadece com as injustiças perpetradas de sacrifícios e holocaustos. Pois por intermédios deles está o sofrimento do povo. Portanto, a sabedoria quer focalizar a crise social, pois a escolha por holocaustos e sacrifícios práticas repugnantes provoca a ira de Javé por permitir a segregação social e a dor. Como exemplo disso, o culto pagão envolvia as vezes sacrifícios aos demônios (Lv 17,7; Dt 32,17) incluindo oferecimento de crianças aos ídolos de Canaã (Sl 106,38). Os relatos bíblicos denunciam a prática do *Zebahim*, sacrifícios, tendo a intolerância de Deus uma ação imediata. Israel influenciado por práticas religiosas cananeias era constantemente tentado a se envolver com sacrifícios pagãos que por várias vezes Deus os advertia destruir os seus altares cananeus e a despedaçar seus postes-ídolos (Êx 34,31; Dt 7,5). Para mostrarem suas resistências derrubavam os altares de Deus e matavam seus profetas (1Rs 19,10). Por exemplo, as vésperas da entrada na terra prometida, Israel foi convidado a sacrificar aos deuses de Moabe a idolatria e a imoralidade que se seguiram marcaram um dos capítulos mais tristes de sua história (Nm 25,2). Ezequiel vê essas práticas como uma das principais razões para o juízo de Deus contra o povo de Israel (Ez 16,20-21). Por tanto, não era novidade para Saul que qualquer tentativa por esse caminho o levaria a morte ou a recusa de Deus. Na reformulação proverbial Saul não está preocupado com a ação punitiva de Javé o que mais o interessa é a “gordura de camelos” e “pecado de magia”, a riqueza e o poder. Duas categorias vão destruindo a coesão familiar e polarizando as sociedades entre ricos e pobres. Na literatura pré-exílica a crítica da profecia sobre os sacrifícios torna-se evidente. Profeta Isaías assinala ao povo para fúria de Javé quanto as suas práticas que ferem a ordem e harmonia social dizendo “que me importam os vossos inúmeros sacrifícios. [...] Estou farto de holocausto de carneiros e da gordura de bezerras cevados. No sangue de touros de cordeiros e de bodes não tenho prazeres” (Is 1,11-16). Amós de semelhante modo lança a sua crítica advertindo os benjaminitas a abandonarem o templo de Jerusalém porque a imoralidade tomou conta dos santuários onde “os pastores entram nela com seus rebanhos! Lançam tendas em seu redor, e apascentam cada um a sua parte (Jr.6.3). Além do individualismo e o egoísmo dos pastores comportamentos que promovem a ira de Javé, de semelhante modo o povo não

atende as palavras e desprezam a lei, subornam a Javé com incenso que vem de Seba e a cana aromática dos países equidistantes. Por tanto vossos holocaustos não me agradam e vossos sacrifícios não me comprazem. (Jr. 6.19-21). Javé solicita por uma adoração verdadeira, a adoração do coração e não nas práticas corruptas, cheias de sangue e de dor do orfão e da viúva.

Em Amós Javé afirma: “[...] eu odeio, eu desprezo as vossas festas e não gosto de vossas reuniões. Porque se me ofereceis holocaustos [...] Não me agradam as vossas oferendas e não olho para o sacrifício de vossos animais cevados” (Am 5,21-22). Na profecia Javé traça uma proposta dialógica como saída daquilo que não lhe agrada “Que o direto corra como água a justiça como rio caudaloso!” (Is 5,24). Portanto, Saulo deveria dar mais ouvidos a profecia e não as gorduras de camelos. A conservação do gado gordo denuncia a interioridade em agradar-se a si e não a Javé. Ascender o poder é igual a riqueza. Na profecia rico e pobre caminham vias diferentes, não há conciliação.

Em contrapartida na literatura sapiencial por exemplo Jó tem esperança de um reencontro entre o rico o pobre. Na visão de Jó 22.2: “rico e pobre se encontram; quem cria a todos é Javé”; ou então em Jó 29,13: “Pobre e violento se encontram; a ambos Javé dá o reluzir dos olhos” - em detrimento da confortável explícita denúncia da pobreza e da riqueza na teologia do profetismo, esta baseada nos eventos histórico-salvíficos de Israel. Diante disso Milton pergunta: “Estariam com isso pobreza e riqueza sancionadas como elementos constitutivos e inalienáveis da ‘ordem da criação’, oriundas da vontade divina?” \Seria a pobreza e a riqueza “vontade de Deus”? Para além da clássica oposição “teologia da criação” versus “teologia histórico-salvífica, Milton resolve a questão falando em convivência restrita: nada escapa ao olhar da sabedoria, ela não deixa nada escondido, e aí “as contradições se encontram”, sendo inevitáveis a relação e o choque de pobreza e riqueza. Mas, os contrastes sociais não são nem confirmados nem eternizados. São constatados como existentes e não simplesmente ignorados (Schultz, 2013, p. 343).

Como criaturas, ricos e pobres são iguais, mas nas relações de continuidade a obra criadora Saul e seu servo chegam até a homem de Deus (Samuel) tendo as moedas o objeto de mediação (9,14), mas não aparece na sabedoria o fundamento histórico-salvífico que denuncia a pobreza, mas o incômodo também é transformador, e aparece na estratégia da constatação comum à sabedoria, mostrando que a pobreza fere a ordem na criação de Deus. Pois o servo que acompanha Saul não tem destaque histórico.

Jó mostrará que até as eventuais e frágeis saídas que havia nos Salmos, como a confiança em Deus, desapareceram. Não há saída para pobres, enfermos e sofredores nesse novo mundo de Israel (Jó 3)! A própria ação de Deus é fugaz e provisória, vazia e pouco confortante, quase sempre apelando para exibições de força e poder com fogo e trovões (Jó 40.15ss). Assim, a literatura sapiencial de Jó é testemunho do fracasso da religião politeísta de Israel.

Na criação de mundos e de impérios sociais constitui o eixo pelo qual todas denúncias tanto proféticas quanto sapienciais convergem. Em Gn. 3 o relato da morte de Abel por Caim aponta para o início da destruição da ordem onde Caim pretendia prevalecer sobre o seu irmão. Provérbios também apresentam uma resposta decepcionante para a dor e a pobreza à qual o povo estava submetido, embora conserve um sempre tentador encanto poético. Temos aí apenas lampejos para quem está na escuridão, mas que não conseguem

iluminar a saída. A solução para não cair no desespero é agarrar-se às pessoas próximas, e aí fazer uma vida que valha à pena. Não há aí mais esperança radical, mas pitadas de alegria para o dia a dia de sofrimento.

Sendo o sacrifício humano a forma de legitimação das guerras, de conquistas de prosperidades, a resolução por sacrificar vidas passa a ser resultado de uma racionalidade justificavelmente ética entre a vida de uma pessoa ou a vida do grupo. “O fundamento da modernidade, diz Hinkelammert é teológico, trata-se de um cristianismo invertido porque não parte de um Deus para a vida, mas sim de um deus que pede sacrifício da vida. É um deus para a morte e por isso revela-se falso. É um fetiche que encarna a projeção do sujeito burguês feito deus.” (Enrique DUSSEL e Katya C. LIZÁRRAGA, 2007). Por esse prisma da ética comercial-econômico se abre a crítica ao episódio que envolve o sacrifício que Abraão de seu filho Isaac a Deus no monte Moriá (Gn 22.) sobre pretexto de ser Javé que solicita o sacrifício. Por acaso Javé lhe interessa o sangue?

4. Um mundo sem sacrifício é possível? A janela da profecia

Na janela da profecia, as consequências sobre a desobediência de Saul resultaram no julgamento sumário de perder a confiança de Deus (v. 24-26) deixando claramente que o transgressor reconhece a dimensão de suas actitudes nos cenários envolta de sangue. Nas suas actitudes a espada afiada esmiuça mais os corpos tanto de humanos quanto de animais, do que os ouvidos acolherem a palavra. A projecção dos holocaustos e sacrifícios de animais, abriu brechas para a sabedoria de Deus não omitir qualquer intenção de repulsa, denunciando claramente:

porque quero misericórdia,
e (não) sacrifício;
conhecimento de Deus,
mais do que holocaustos” (Os 6.6)

A formulação proverbial de Oséias correlaciona-se a do 1 Samuel 15.22b. Ambas, literaturas pré-exílicas advertem os reis e a Israel que alojam práticas exploratorias sobre povo humilde, empobrecendo-os para satisfazerem os interesses dos seus reinados, desviado-se do conhecimento de Deus e dos valores socializantes comunitarios para acções opressivas e classistas. Suas praticas são classificadas como “transgressores da aliança” semelhantemente acometida por “Adão” (v.7), ou como observadas nas cidades de “Geleade” (v. 8). As expressões de sabedoria denunciam e ao mesmo tempo jocosam os poderosos prevendo a derrocada deles. Para esta memoria, Deus abomina os sacrifícios e os holocausto e lhe agrada apenas o conhecimento.

Sendo memórias comunitarias, o povo é exortado a abandonar os deuses e os rituais de sacrifícios humanos. Ritos herdados do paganismo cananeu associados a adoração aos demónios (Sl. 106.36-37) desafiando a Deus sobre astúcias dos reis, levantaram altares para adoração aos exércitos do céu nos átrios do Templo, imagens fundidas de Asera, esposa de Baal, colocados no próprio Templo. Tais grosserias de

idolatria foram sancionadas com a morte (2Rs 21.16). Diante disso, os reinados de Manasses, Atalia e Acaz foram historicamente classificados como o ponto mais abominável da iniquidade e por idolatria sem freios na longa lista de reis davídicos” (Schultz, 2013, p. 207).

Como consequências em 628 a.C, Josias propôs a reforma, objectivando abolir práticas pagãs por toda Judá, libertando-os da prisão religiosa criada pelos “deuses de palha” numa mensagem a favor do povo. Jeremias, o profeta, apela ao rei Joaquim advertindo-lhe para as consequências posteriores convidando-o a se arrepender dos males praticados. Este, rejeitando o apelo ao arrependimento destruiu o rolo que continha a mensagem de advertência (Jr. 36.1-32). Por este acto, presenciou o trágico acontecimento em 597 a.C, a invasão do rei da Babilónia, resultando na deportação da elite de Judá (nobres, oficiais dos palácios, artesãos e líderes comunitários), prisioneiros e mortes (2 Rs. 23.35). Posteriormente em 586 a.C, Zedequias, segundo rei que sucede ao trono de Joaquim exilado em Babilónia, após a morte de seus filhos, deu-se o fim a invasão.

Os trágicos eventos permitiram que em Judá, os sacerdotes, os levitas, assim como o povo se reunissem para celebrar o novo pacto da observância da lei (SCHULTZ, 2013, p. 217).

Todavia, a desobediência a palavra de Javé não há tolerância. Assim é o grito da profecia nos evangelhos. Ela denuncia a corrupção dos escribas e fariseus nos espaços do templo.

“ai de vós escribas e fariseus, hipócritas, porque dão o dízimo da hortelã e do cedro e do cominho e despreza os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé.” (Mt 23.23)

Nos escritos de Mateus, está evidente o paralelismo literário na formulação proverbial semelhante dos escritos de Samuel e de Oséias. Em Mateus Jesus confronta o comportamento legalista farisaico de viver sobre aparência da santidade externa quando o que se invoca é a prática do amor, e da solidariedade. Para Jesus a profecia é clara: “misericórdia quero e não o sacrifício” ao invés de rituais religiosos formais (vazios e sacrifícios. (Mt 9.13). Além de mais, no tripé: “justiça”, “misericórdia” e “fé” está a centralidade dos pilares para a construção de um reinado divino inclusivo e não excludente, salvífico e não mortal. Por isso aos escribas, fariseus não existe cumplicidade. Para Achille Mbembe na crítica da razão negra afirma que “o terror não está ligado exclusivamente à utópica crença no poder irrestrito da razão humana. Também está claramente relacionado a várias narrativas de dominação e emancipação, sustentadas majoritariamente por concepções iluministas sobre a verdade e o erro, o “real” e o simbólico” (Mbembe, 2016, p. 130). Por isso Jesus procura quebrar os discursos e as práticas farisaicas exclusivistas como merecedores (detentores) das verdades absolutas no ministério de Jesus. Para Jesus tudo está claro: não é o mercado económico sobre o “dízimo” da “hortelã” do “cedro” e do “cominho” que restabelece o reino de Deus, mas o amor é o esteio para ser seguido.

Para a profecia, um mundo sem sacrifício e holocaustos é possível. Porém, a corrupção, exercício de práticas endêmicas processa a desestruturação e desfavorecimento à vida assegurando-se da arrogância tecnológica e do capitalismo desenfreado. O capitalismo através dos seus projectos civilizatórios da modernidade se impõe ao mundo blindando-se a qualquer critica, fazendo com que o conteudo ideal de seu modo de vida moderno apareça como ideal da humanidade. Eximindo-se de responsabilidade ética e respeito nas mensurações, degrada a humanidade no descuido da ecológico e na preservação a vida humana.

Na contradição das ideologias capitalistas, o grito da sabedoria, tanto bíblico quanto de outras sociedades vem se posicionando para a necessidade de cultivar a humildade juntamente com o divino, recriando o belo e o prazeroso apartir das iniciativas pessoais e coletivas. Como particularidade, na perspectiva da visão africana sustentada pelo o provérbio na língua kimbundu⁷: *Tuana mbudi tudila xinde dimoxi* “somos filhos de ovelhas nos servimos (alimentamos) do mesmo capim (pasto)” responde a pergunta sapiencial da existencia de um mundo sem sacrificios exploratorios de uns sobre os outros. Decorrente da elaboração vivencial da solidariedade de estar pela mesma causa, desafia membros da comunidade se posicionarem a mercê da vida, concatenando na argola de crescer e viver onde a presença do outro condiciona fazer o bem. Observa eticamente as marcas sociais na dimensão holística que associa a vida animal, a selva, a floresta, a natureza, os antepassados e seus espíritos. Para o provérbio ser líder implica visibilizar as relações e argolar aspectos preponderantes na construção da urdidura social do *muntu*. Enraizar a ontológica e a ética de parentesco resumido na formulação “eu sou por parentesco, eu sou para a comunidade estrutura a aldeia num cesto acolhedor da vida e transmissão dos valores de forças vitais que reedificam a comunidade. Em outras palavras “eu sou porque somos” Desmond Tutu⁸, indica haver estreita relação entre o eu e o nós”, apontando para a “existencia de um sentimento de participação na vida comum, história comum e no destino comum” (O’DONOVAM 1999 p. 14). A solidariedade advogada pelo provérbio refaz o individuo acolhendo-o de maneira significativa nos aspectos atinentes a vida. É o berço dinâmico da vida, para a configuração social do indivíduo de forma integral.

Na comsovisão africana as doenças, as catastrofes e outros males sociais estão associados as respostas de cunho e fenômenos religiosos, sinalizando transgressão humana, algúres, ao cômso e suas forças vitais. De semelhante modo a corrupção passa a ser o estágio doentio que desvela a arrogância humana na fase manipuladora dos interesses de um indivíduo ou grupo pôndo em risco o bem-estar da maioria, criando os sistemas de apartheid e escravocratas para sobreviver. Sistemas exploratórios que deixam marcas profundas de dór e sofrimento a outrém. Consequências disso, o continente africano foi e continua sendo o palco de maior espetáculo para a ridicularização da vida

⁷ Proverbio na lingua kimbundo, uma das varias linguas que compõe o mosaico da oralidade angolana.

⁸ Palavras proferidas pelo Reverendo Desmond Tutus em seus discursos, que descrevem a essencia da filosofia Ubuntu que sisgnifica a identidade e o bem-estar de um indivíduo que é intrinsecamente ligado a comunidade – o ser colectivo a partir do eixo da interdependencia, solidariedade ea vitalidade.

humana e do enegrecimento dos seus valores culturais. Dos sacrifícios e holocaustos humanos, iniciados desde os movimentos transatlânticos se verificou que milhares de corpos dos africanos foram empilhados em navios negreiros. Vidas humanas foram arrancadas para satisfazerem os apetites gananciosos de extorções resultando em esteriótipos associados a misérias como: nudez, fome, pestes, guerras civis e “tribais”, imigração e outros fatores sociais e políticas do continente.

Com raridade se veicula aspectos que estimulem a vida, que estimulem o prazer pela beleza da diversidade da sabedoria oral, pela beleza da sua variedade de hábitos e costumes, pela pluralidade da religiosidade e de uma espiritualidade ecológica. Sim, isso parece ser razoável aos interesses internacionais veicular através da mídia internacional aquilo que constitui os seus interesses.

Em suma, a caminhada histórica de Saul e sua derrocada é a denuncia de como Deus não se compadece as acções corruptas de um reinado, no maior prazer a gado e as suas gorduras do que ouvir a voz da advertência para um reinado mais duradouro e producente. Na visão de Javé a solidariedade não deve ser destruída sendo o meio eficaz das estruturações de sentidos. Caso isso aconteça, se interrompe a vida ligada a Deus, à natureza e os espíritos dos antepassados. O provérbio africano reforça a visão profética em Samuel, Oséias e Mateus que criticam a ambição humana assente no valor económico como base modelar de vida.

Considerações finais

Para a profécia a glória de Javé é uma construção constante, um acto contínuo. As representações de baal são destruídos e seus reis encarcerados, mas Javé não desiste do seu povo. Saul é destruído e David é projectado para continuar a missão. Pois “a virgem se alegrará na dança e também os jovens e os velhos, tornarei o seu pranto em júbilo e os consolarei, transformarei em regozijo a sua tristeza” (Jr.31.13). Em outras passagens a profecia traça caminhos da esperança a certeza de que Javé edificará a virgem de Israel, ela será adornada com adufes e sairá com o coro dos que dançam (Jr.31.4). Tudo se torna novo, a memória do rebento de casa de David. A destruição dos impérios do mal permitirá a construção da nova Jerusalém. E na nova Jerusalém o baal não dança porque será destruído. A frase: “Obediência sim, sacrifícios não” é a expressão máxima do cântico popular que vê destruído os seus opressores. Provavelmente entoados nas festas das colheitas ou ainda restabelecida durante as reformas de Josias, devolve a comunidade a esperança do reencontro com as suas tradições e no resgate dos movimentos dos corpos controlados pelos senhores e reis. O povo dança com harpa, com batuque porque é a festa da libertação. A agonia de Saul passou a ser a lembranças do povo denunciando que governar com sacrifícios e holocaustos não agrada a Deus.

Em suma, “proverbiar” não retrata dos cenários dos holocaustos criados pelos reis na matança das crianças e de milhares de inocentes, ou nas invasões que vários povos e suas culturas em redor do mundo, mas é a memória das festas realizadas nas comunidades onde só existe a luz natural sem a presença da indústria depredadora da natureza e dos

valores humanos. A utopia da África repousa na esperança de continuar a dançar para festejar as suas colheitas de conquistas por uma sociedade mais livre de praticas corruptas herdadas do imperialismo e seus métodos coloniais. O povo dança, canta e jinga pois no reinado por vir, o baal não dança porque será destituído do trono por desobediência. Diz o provérbio: “Bom obedecer mais do que sacrifício.

Referências bibliográficas

- Badillos, A.. & Sáenz-Targarona, J. (1992). Antigo Testamento Interlineal Hebreo-Español, Libros Históricos, vol. 2. Barcelona: CLIE.
- CEBI- Centro de Estudos Bíblicos (1993). *Das tribos à monarquia: Profetas anteriores – Roteiros para reflexão III*. Belo Horizonte, São Paulo: CEBI, Paulus.
- Dussel, Enrique & Lizarraga, Katya, (1996) *Filosofía de la Liberación*, In: La filosofia política moderna: de Hobbes a Marx, un diálogo con la filosofía de la liberación. Editora Nueva America, Bogotá
- Hermisson, Hans-Jürgen (1968). *A sabedoria sapiencial em Israel*, Neukirchner Verlag, Neukirchen-Vluyn, Alemanha
- Hinkelammert, Franz. J. (1991). *Sacrifícios humanos e sociedade ocidental: Lúcifer e a besta*. Trad.: J. R. Costa. Editora Paulus.
- Mbembe, Achile (2013) *crítica da razão negra*. Antígona, Lisboa, 2014
- Mbembe Achile (2016), *Necropolítica*. Artes & Ensaios, Revista do ppgav/eba/ufrrj, n.32
- O'Donovan, Wilbur Jr. (1999) *O cristianismo bíblico da perspectiva africana*, São Paulo, Vida Nova
- Robert, Alter & Kermode, Frank. (1997) *Guia literário da Bíblia*, Unesp, São Paulo
- Schultz, A. (2013). Leitura teológica sapiencial da Bíblia: Um olhar a partir da obra “Sentenças e provérbios” em homenagem a Milton Schwantes. *Estudos Teológicos* 13(2), 338-349. DOI: 0.22351/et.v53i2.880
- Schwantes, M. (2009). Sentenças e provérbios: sugestões para a interpretação da Sabedoria. São Leopoldo: Oikos.
- Schwantes, M. (2008). *Sabedoria: textos periféricos?* Estudos de Religião, 22(34), 53-69.
- Schwantes, M. (2013). *O direito dos pobres*. São Leopoldo: Oikos; Editeo.
- Schwantes, M. (1939). *Projetos de esperança: meditações sobre Gn 1-11*. Petrópolis, RJ; São Leopoldo, RS: Vozes e CEBI; Sinodal.
- Wilsn, R. R. (2006). *Profecia e Sociedade no Antigo Israel*. Trad.: J. R Costa. 2ª. ed. Revisada. São Paulo: Targumim / Paul.